

Análise de Discurso, Psicanálise e Topologia em Lacan: pontos, contrapontos e enodamentos

Maria Tereza Martins Ramos Lamberte

Introdução

A inspiração deste ensaio advém, primeiramente, pela auspiciosa proposição já contida no convite feito pelo grupo de pesquisa e estudo Discurso e Cultura, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, que vetoriza a interdisciplinaridade entre a Análise de Discurso e a Psicanálise, convidando pesquisadores interessados “em aliar *corpora* variados”. Desde este primeiro momento acendem-se alguns pontos a serem considerados em perspectiva. Inicialmente, consideramos a díade interdisciplinar, mas que poderíamos considerar transdisciplinar, no tocante às fronteiras epistemológicas entre as áreas, ou mesmo seus campos. Em Análise de Discurso, o Materialismo Histórico e a Psicanálise, desde os anos

sessenta na França, voltaram-se às buscas por constituir quadros metodológicos para formalização de dispositivos analíticos de leitura dos discursos, da localização e da discriminação dos sujeitos envolvidos em práticas sociais diversas. Já aí podemos recolher questões instigantes e irreduzíveis, tais como: mas de que *sujeito* se trata em cada abordagem? É possível situar epistemológica e conceitualmente noções como sujeito e discursos, a partir destas referências, sem que se incorra em riscos, sejam de reducionismos, ou mesmo, o que seria pior, desvios ou equívocos?

Assim, aceita-se este convite de muitíssimo bom grado, justamente pelos desafios que impõe, ou seja, em um zelo epistemológico e ético no cuidado em buscar os pontos aproximativos que porventura se tangenciam e aqueles que se diferenciam mais radical e claramente. Essa busca é o que tomamos como um **objetivo** investigativo a ser considerado.

Para esse caminho, o capítulo buscará percorrer, dentre os pontos fronteiriços concernentes às referidas áreas, sem a pretensão de uma análise exaustiva em cada uma delas, aqueles que nos permitam trazer, como **hipótese**, a possibilidade de que, a partir das problemáticas trazidas pela Psicanálise, possamos contribuir na perspectiva de enodamento entre as diferenças, no campo da linguagem, território este que é irreduzível e, no qual, reconhecidamente nos encontramos. Desse modo, o percurso deste ensaio dá-se a partir dos trilhos em Psicanálise, como fios condutores que possam contribuir e fazer entrelaçar as dimensões de discursividades e do campo da linguagem na aventura humana. Para tal, arbitrou-se pela decisão de caminhar mediados por alguns dos fundamentos essenciais em Freud, do percurso da descoberta freudiana do inconsciente até os passos que se seguiram - a partir dessa descoberta - com Lacan.

Como aproximar, então, áreas que se constituem em zonas diferentes da própria materialidade? De um lado, encontramos a Análise de Discurso, constituída por meio de um repertório teórico-metodológico da Linguística, reconhecida como uma ciência estruturalista. De outro, a Psicanálise, em muitas ocasiões (especialmente àquelas atreladas ao senso comum), equivocadamente empurrada à margem do dizer científico. Assim, faz-se importante apontar o aspecto histórico e crítico do momento da Psicanálise. Acompanhando Agamben (2009) no corte que estabelece na díade: atualidade e contemporaneidade; pois esse permite o desdobramento necessário enquanto posições que nos advertem sobre a importância de estarmos numa posição de sustentação crítica da Psicanálise, à luz de nossa época.

Outro ponto a ser tomado como relevante é sobre o campo de *práxis* psicanalítica, onde há fundamentos acerca do método e da concepção de objeto ao qual se voltam em suas investigações e abordagens. Na aproximação entre Análise de Discurso (doravante AD) e Psicanálise, o distanciamento entre os *corpora* pode parecer um ponto de impossibilidade, uma vez que a AD lida, em suma, com análises de discursos subvertidos em textos, materialmente constituídos. E a Psicanálise, que constitui um método clínico a partir da concepção do inconsciente, nos apresenta uma preliminar chave de leitura que bem poderia tratar dos limites entre: o discurso e o inconsciente. Dessa chave, emerge uma questão de ordem ética: é possível produzir uma análise rigorosa dos quadros clínicos, fora do cenário da análise? Aspecto caro e mesmo fundamental território da *práxis* da Psicanálise, tomada como procedimento do psicanalista.

Desse modo, a Psicanálise, por sua vez, tem de lidar com a radical e contingencial singularidade, intrínsecas, a cada vez, em cada

sessão – e de modo paradoxal, posto estarem contidas, de modo elidido, nas *re-petições* que apontam o novo, o recalcado ou mesmo o foracluído em sua textualidade – pois uma sessão de análise é sempre algo novo. Uma articulação preliminar entre as áreas poderia, portanto, tratar dos limites entre o discurso e o inconsciente.

Neste ponto, está implícita outra chave de leitura, que discrimina a Psicanálise em intenção e a Psicanálise em extensão. Esta última nos laços que constituirá com demais disposições discursivas, na *polis*. Assim, teremos, a presença e a *práxis* possível do psicanalista no hospital, no campo jurídico, na educação etc. Ora, na Cultura! Em sua interface com outros campos de atuação, numa disposição transdisciplinar. E, de modo diferente, mantém-se a Psicanálise em intenção, enquanto um espaço de fala e do dizer livremente, daquele que se dirige ao analista, com seu pedido, sua demanda, seu desejo. Enfim, seu endereçamento para análise propriamente, método fundado por Freud, sob transferência de uma *suposição ao saber* (tal como nomeada depois por Lacan), sob a responsabilidade ética e técnica daquele que o recebe enquanto do desejo de analista.

Ainda que de modo cauteloso, consideramos que Psicanálise e AD têm pontos convergentes, propomo-nos a ampliar a discussão que as compara por meio de um cotejo que privilegia a Psicanálise, mas que localiza a AD como disciplina de objeto com extrema afinidade ao daquela. Essa correlação impõem-nos uma pergunta norteadora: uma vez que os objetos estão aproximados, a relação entre psicanálise e análise do discurso efetiva uma interlocução, ou será preciso perceber o enodamento?

I. Aproximação e distanciamento entre dois campos

As referidas áreas constituíram alianças acerca da produção científica, principalmente quanto a: 1. A questão da subjetividade, ou seja, a investigação sobre o subjetivo (referente ao sujeito, enquanto agente em seu dizer e, paradoxalmente submetido no discurso), no campo da fala e da linguagem e, 2. Abordagem de sujeito.

O nascimento da AD está voltado à noção do sujeito. Em seus princípios de fundação, o contexto francês da década de 1960, os pensadores que fundamentaram o nascimento da disciplina orientaram-se pela proposição de que o discurso se constitui por meio do homem e de sua volta ao laço social. Assim, o discurso está tomado por variáveis que são da percepção única do sujeito que se relaciona às condições sócio-históricas de produção. Essa forma de disposição não pode ser desconsiderada pelos analistas do discurso, uma vez que é em seu uso pleno que o discurso produz *efeitos de sentido*. Se um psicanalista busca, ao escutar aquele que diz e ler a partir de que lugar e posição quais sentidos o discurso produz, um analista do discurso busca, ao ler um discurso, que tipo de sujeito o produziu. É o discurso, em sua constituição simbólica que interessa ao analista do discurso

A Análise de Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O

discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso, observa-se o homem falando. [...] a Análise do Discurso procura compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história. (ORLANDI, 2003, p.15)

Desse modo, estamos falando de uma aproximação entre Psicanálise e AD; por meio de suas constituições teóricas atravessam um objeto: o discurso. Com Lacan, em seu retorno à Freud, será problematizada, tanto a noção de subjetividade, como também a noção de sujeito empregada em Psicanálise (BERLINCK, 2010). Em uma de suas famosas equações “o inconsciente estruturado como uma linguagem” (grifo meu), o autor subverte as noções utilizadas pela Linguística estruturalista e traz letra nova

Hoje em dia, no tempo histórico em que estamos, de formação de uma ciência, que podemos qualificar de humana, mas que é preciso distinguir bem de qualquer psicossociologia, isto é, a lingüística, cujo modelo é o jogo combinatório operando em sua espontaneidade, sozinho, de maneira pré-subjetiva, é esta estrutura que dá seu estatuto ao inconsciente. É ela, em cada caso, que nos garante que há sob o termo de inconsciente algo de qualificável, de acessível, de objetivável. (LACAN, 2017, p.26)

Nesta equação, observamos que além da aplicação heurística inerente ao estruturalismo e à linguística (aspecto ao qual retornaremos em breve), a expressão “como” em “como uma linguagem” sinaliza uma inovação. A preposição “como” difere de “pela” ou “na linguagem”, indicando uma nova maneira pela qual a estruturação

e a constituição do psíquico acontece a partir *da* linguagem. No entanto, curiosamente, mesmo originando-se desse campo, ela destaca e extrapola seu próprio território, existindo, de certa forma, além ou fora dele.

Assim também podemos considerar, com a noção de sujeito, ainda que haja aspectos confluentes (entre as áreas e as questões envolvidas, levando-se em conta suas pertinências no campo da linguagem como território – enquanto lugar, tempo e espaço - de onde poderão advir as manifestações concernentes ao campo das chamadas “subjetividades” do ser falante), será necessário considerar os pontos de diferença.

Reportando-nos então à problemática que a noção de *sujeito* carrega, situamos sujeito do discurso e sujeito do inconsciente, trazemos a hipótese de tratar-se de um entrecruzamento como ponto de enodamento, determinante pela topologia, em Lacan.

Desde a publicação de “Análise automática do Discurso” de Michel Pêcheux (1969), até o que se seguiu, por caminhos diferentes, acerca dos campos de atuação e de *práxis*, no que se refere à Psicanálise, junto às diferenças e, no entanto, justamente a partir destas, pretendemos aqui investigar o que deste encontro possa resultar em novos objetos de pesquisa e assim, como se anunciou no início, na aposta de uma produção contendo em seu método investigativo, a perspectiva transdisciplinar (JAPIASSU, 2006).

II. Análise de Discurso e Psicanálise: intersecções

Sobre a AD, consideramos identificar que ela nasce de uma perspectiva interdisciplinar, mas seu enfoque teórico e seu objeto de análise ancoram-se a uma materialidade linguageira; essa perspectiva

analítica tem a virtude de se colocar num limite da produção científica pós-estruturalista e, finalmente, tem como ponto central de sua condição teórica a noção de sujeito. É pela via do sujeito que a AD pôde se conectar à Psicanálise. Está aí, em nosso capítulo, a hiância que focalizamos, o espaço *entre*, ou seja, onde apontamos como possibilidade de enodamento. E é nesta perspectiva que trazemos considerações, como propostas de leituras possíveis, a partir da referência em Psicanálise, dos elementos recolhidos das questões que permeiam e problematizam a relação entre as noções de Discurso, Cultura e a Psicanálise.

Com a finalidade de situar o laço entre a Psicanálise e a AD, sugerimos a investigação empreendida por Lacan que se empenhou em formalizar, em seu retorno a Freud, a descoberta do inconsciente e a fundação de um campo clínico, de *práxis*, sustentado por pilares contidos nos fundamentos de seu método, o da escuta e leitura da palavra, num território linguageiro e de laço social: a transferência. Lacan procederá situando a Psicanálise às fronteiras dos campos de saber, à luz de sua época e contando com as disciplinas vizinhas. Em seu percurso autodenominado “retorno a Freud”, empenhou-se em resgatar a descoberta freudiana e em fazer ressaltar a potência subversiva que esta trouxe acerca da concepção do psíquico, desde o campo das ciências médicas, da *Physis*, confrontando com a Psiquiatria, a Filosofia, a Linguística, a Antropologia, ainda que de modo dialético e por fim, bastante inventivo, utiliza da escrita ao modo de fórmulas matemáticas, do campo da Lógica e da Topologia.

O campo de interrogação sobre o sujeito da Psicanálise só terá sido possível a partir da modernidade, momento histórico de advento do pensamento científico na cultura ocidental, marcadamente com Descartes, no alvorecer do Século XVII, em que pese esta abertura às interrogações aí contidas e expressas já estivessem

presentes em pensadores desde antes (na antiguidade, como São Tomás de Aquino, Santo Agostinho, Averroes) (LIBERA, 2013). Portanto, para situar o sujeito da Psicanálise, faz-se necessário retomar a questão do saber implicado no campo da ciência, uma vez que a Psicanálise subverteu o saber cartesiano e, paradoxalmente, por seu meio se impõe e se constitui.

III. O saber não sabido ... um outro saber

Pela condição de hominização, o saber se constitui no laço social, na linguagem, desde onde podemos diferenciar a tríade: linguagem, fala, discurso. Para a Psicanálise, o saber advém enquanto resto dessa tríade, o impossível. E a estrutura discursiva implica o território a partir do qual a descoberta freudiana escavou, no laço, este impossível, enquanto resto. O real é o saber como lascas que tange fragmentos de verdade e de onde se situa a subversão também na temporalidade, irreduzível, nesse ponto nodal. Aí se problematiza a tensão do conceito de sujeito da Psicanálise que mais tarde superou, localizando-o, para além da estrutura discursiva, sem abandoná-la, com a topologia, onde estarão presentes as noções de tempo e espaço (LACAN, 1972-73;1974-75).

Desse modo, a Psicanálise introduz na tríade: *saber, conhecimento e verdade*, no campo da ciência, a problematização do *saber não sabido*, desalojando assim o estatuto do saber, ou seja, este enquanto faltoso, furado. De que outro saber trata, o inconsciente, onde localiza-se e como podemos articulá-lo com a análise na via da *noção de sujeito*, a partir dos elementos trazidos pela problematização advinda pela Psicanálise, especialmente com as proposições lacanianas e em alinhamento à descoberta/subversão freudiana? Pela condição de hominização na linguagem, o humano se instala,

paradoxalmente, no campo da fala e da linguagem a partir de um furo no saber, em uma estrutura discursiva que o antecede e, justamente tendo como causa constitutiva, a falta no saber, qual seja, esta falta enquanto resto, impossível e material de interesse da Psicanálise.

Por isso, ao tratarmos da cadeia discursiva de produção dos sentidos, estamos fazendo notar a estrutura e o estruturalismo da Linguística, desvelando, por esse meio, o predomínio do sistema através das relações dos elementos, tanto na cadeia falada como nas estruturas formais. A estrutura está ligada ao sistema, cujos termos são solidários e na qual um valor de um termo resulta na presença simultânea de outros. Saussure (1916) realça as relações entre os grupos associativos no interior da língua. Benveniste, por sua vez, entende que *a linguagem criou o homem* (1976), vê-se que esse sistema de solidariedade, comum em Psicanálise, é parte do sistema estruturalista da Linguística.

Tomemos a Linguística e a Antropologia estrutural e aí também estarão presentes os sistemas de relações. Seja entre os elementos, seja na ordem simbólica de parentesco, por exemplo, com Lévi Strauss (1993). Assim, para a Psicanálise, em Lacan, o estruturalismo tem, num determinado período de sua cronologia, a mesma importância que a filologia terá para Freud, ambos, estruturalismo e filologia, dão importância à linguagem (SCHINEMANN, 2009). O estruturalismo, enquanto corrente de pensamento marcadamente ascendida num determinado momento e contexto histórico no século XX, traz o conceito de estrutura, enquanto conjunto de relações, lugares e elementos. A categoria de conjunto evita implicações de totalidade, aspecto que estará presente no coração da descoberta freudiana (a concepção de inconsciente e a fundação de um método clínico), que “abre” o campo do saber e desconstrói quaisquer possibilidades de um saber completo, “fechado”.

Subverte assim, a ordem positivista na ancoragem do saber constituído na ciência médica, no que pudesse vir a sustentar um saber sobre o psíquico, no humano.¹ Esse foi um dos grandes desafios

-
- 1 Há notáveis aproximações com outros campos de saber que estarão presentes no percurso de Lacan: em seu texto “Função e campo da fala e da linguagem” – (1953), aproximação com a linguística; com a antropologia estrutural, em “O mito individual do neurótico” (1953). Prosseguirá entrelaçando elementos da lógica com o de discurso: faz-se destacar, o Seminário - O desejo e sua interpretação, o “Texto Subversão do sujeito e a dialética do desejo” (1960), com o grafo do desejo, onde constrói a formulação da linguagem como estrutura de ficção e em seu caráter de forclusão... E progressivamente com a lógica, especialmente a partir do Sem – Identificação (1962) até o Seminário XVII - O avesso da Psicanálise (1969); assim como em seminários posteriores, a exemplo de *Encore*, onde vai afinando suas proposições (a esse respeito, seria merecedor um desenvolvimento mais detalhado, não cabível no presente ensaio). Enfim, um importante salto a partir dos anos 70, é que, para além da metáfora paterna - enquanto operação que caberá a cada um, como efeito em seu processo de incorporação simbólica - restará também, inexoravelmente, o *assujeitamento*, de modo singular, ao campo da linguagem, esse que contém, inerente à sua condição estrutural, e por sua lógica de funcionamento, o caráter *forclusivo*, no que se refere ao psíquico e à singularidade aí implicada. Aqui faz-se destacar a diáde, em lógica, do universal e o singular, essa última a que Lacan faz prevalecer à primeira, de modo a subverter, em lógica clássica, para sua formalização do quadro da sexuação, no Seminário *Encore*. Reservamos para posteriores pesquisas maiores desenvolvimento a esse respeito. Vale ressaltar aqui que se está tratando do âmbito do psíquico, o qual porta sua particularidade distinta, por exemplo, da biologia molecular, da anatomia, enfim, como exemplos das chamadas, informalmente, de “ciências duras”, das ciências da *physis*, a depender da qualidade da matéria, deve-se situar a construção em seu campo de fundamentos. A problemática que Freud sustentará acerca do psíquico, é da insuficiência (em que pese seja necessário esse enodamento, a fim de que se subverta a dicotomia cartesiana) em reduzir um entendimento sobre esse, seja no campo empírico e da psicologia, seja somente localizável, apreendido na *physis*. Ora, justamente o campo da linguagem faz aí um *ponto de capitonné*, no qual a Psicanálise, não somente sustentará como também proporrá um campo de fundamento e *práxis*.

enfrentados por Freud que o manteve no coração do pensamento científico e do qual não desistiu.

Nesta via, faz-se notar a coerência psicanalítica desde Freud até as formulações lacanianas e o estruturalismo. Desta feita, num contexto do pensamento de sua época, ou seja, a concepção de estrutura contida no pensamento estruturalista em seu momento histórico, o estruturalismo é parte problemática da Psicanálise, uma vez que essa entende o sujeito como complexo, e aquele se faz de modo a segmentar o todo em partes (BADIOU, 1999). Daí surge a pergunta: Com qual noção de relação a Psicanálise é então confrontada?

Em 1953, no “Discurso de Roma”, Lacan revisita Freud – sem imitá-lo - optando por não apenas reproduzir seus termos, mas aderir aos seus princípios fundamentais. Estes princípios envolvem um corte radical no conhecimento, levando a uma concepção paradoxal no campo do saber - um saber que não é conscientemente conhecido, como mencionado anteriormente. Esse saber do inconsciente é representado pelo sujeito da enunciação, o “Je” dividido entre o domínio simbólico da linguagem, responsável pela garantia do pacto social, cultura e conexões sociais, e o que escapa, o furo estrutural no próprio saber. Em outras palavras, a forclusão da estrutura da linguagem, juntamente com sua estrutura de ficção, que se manifesta singularmente e voltadas ao laço do tecido social, especialmente levando-se em conta os três registros, Real, Simbólico e Imaginário, irredutivelmente presentes (a versão de Lacan para o conceito de “realidade” freudiana).

O “wunsh”² de Freud representa a resposta do ser humano à sua inserção na ordem simbólica, entrelaçado com o desejo do

2 O emprego do termo *Wunsch*, em Freud, remete à aspiração, ao vetor de que algo se realize, articulado também à memória de uma nostálgica

Outro. De maneira concisa, a psicanálise diferencia o saber e o conhecimento: (Lacan, 1966): o saber, para a psicanálise é tomado como forma de uma inscrição no discurso do sujeito – e ao qual está também e de modo paradoxal, assujeitado - este que é agente e situado, assujeitado no campo da fala e da linguagem. E quanto ao conhecimento, há reciprocidade entre aquele que sabe e o que se sabe; aquele que sabe depende do objeto do conhecimento para garantir a sua verdade. (Lacan, 1966).

Desde 1949, em “Estádio do Espelho”, Lacan preocupava-se com a questão do sujeito para a Psicanálise. O autor buscou a dialética para a formulação acerca da constituição do sujeito e afirma que só a Psicanálise reconhece esse nó de servidão imaginária, que o amor vem sempre re-desfazer ou re-talhar na junção da natureza à cultura. Aqui, o psicanalista ainda não colocava a linguagem no primeiro plano, diga-se, mas já está presente a ideia de simultaneidade da constituição; da perda; a noção de antecipação frente à falta, portanto. Faz-se notar a coerência com o que seguirá, sobretudo a dimensão do amor, como colocando limite ao gozo, em *Encore*, anos mais tarde (LACAN, 1972-73).

vivência de satisfação anterior, à qual podemos situar desde o bebê, numa etapa da constituição psíquica, ao reativar a percepção, alucinará esta vivência de satisfação. Pode-se articular a essa ideia o sonho, como realização de desejo. A noção de desejo, desde sua gênese, para a psicanálise, portará assim este corte com a pura condição instintual de satisfação, à medida que se constitui a partir justamente da ausência de um objeto do qual se satisfaça plena e “adequadamente”. As satisfações serão parciais e o conceito de objeto será amplamente desenvolvido por Lacan, com o conceito de *objeto a* – enquanto objeto *causa* do desejo. Daí advém o fundamento de objeto enquanto causa e o desejo, enquanto posição frente à falta. E o *Je* como o que se organiza para o falante em sua percepção de si, inclusive conflitual, dividido e faltante (diferente de *moi*, no qual a divisão psíquica não se alcança, seria como uma noção de eu em alienação (noção também cara para a Psicanálise), digamos, frente à falta.

Através do bojo filosófico e influência de Kojève, Lacan “se liberta” da Psiquiatria, do poderio médico e da apreensão acadêmica/psicológica dos conceitos freudianos (LACAN, 1932). O autor anuncia que não importa a sucessão histórica, pois o mais importante é o sujeito – na concepção que se vai construindo No Estádio do Espelho, por exemplo, o *olhar da mãe* (leia-se, função materna, presentificada por quem a encarna, se posicione neste lugar, discursivo, simbólico e que presentifique o lugar enquanto função), faz as vezes da matriz simbólica marcando a diferença irreduzível entre corpo (erógeno) e o organismo (LACAN, 1956-57). Assim, dois binômios presentes: corpo/ organismo; natureza/cultura. Muitas abordagens desenvolvimentistas, evolucionistas não reconhecem essas diferenças...ainda que sejam articuláveis e não excludentes.

Vale ressaltar que há aí um hiato, “estruturante”, ou mesmo constituinte, da linguagem (e o efeito ordenador da lei simbólica, instituindo o pacto social: a proibição do incesto). Lacan utilizou o discurso filosófico para valorizar a proposição da Psicanálise, ainda que apontando o impasse também com a filosofia, em sua ontologia, com a qual marcou a ruptura, considerando-se o estatuto do inconsciente freudiano³). Badiou, por sua vez, aponta que Lacan passa a colocar-se como “anti-filósofo”, quando considera o discurso filosófico como o discurso do mestre. (Badiou, 2018).

Desse modo, o estruturalismo mostra-se influente para a Psicanálise e conflui para nortear as ciências cujos objetos são o sujeito

3 No início do Seminário XI: “O estatuto do inconsciente, que eu lhes indico tão frágil no plano ôntico, é ético. Freud em sua sede de verdade diz – *O que quer que seja, é preciso chegar lá* – porque em alguma parte, esse inconsciente se mostra. E isto ele diz dentro da sua experiência daquilo que era para o médico, até então, a realidade mais recusada, mais coberta, mais contida, mais rejeitada, a da histórica, no que ela é - de algum modo, de origem – marcada pelo signo do engano.” (LACAN,1979, p. 37).

que atua na linguagem: umas que confluem para o conhecimento; outras apontando fusão da Psicanálise com a Psicologia. São conceitualizações sobre a noção de sujeito diversas (LIBERA, 2013) e que por vezes vão se proliferando em certa deriva, quando não se deterioram em certo risco de banalização e até reducionismos. Um polo é submetido às leis da linguagem, que o constituem e se manifestam nas formações do inconsciente. E os outros, como maturação psicológica ou mesmo processo de conhecimento, diferente da referência psicanalítica.

Para a Psicanálise, o sujeito é do inconsciente, ou do desejo; não é pensado, nem pensante, nem falante; o “*impensável*” do sujeito, o “furo” no simbólico. Lembremos da réplica lacaniana para a máxima cartesiana “...sou onde não penso, penso onde não sou” (LACAN, 1967) que nos remete a Freud em “Onde isso era, o eu deve advir” (FREUD, 1923). Essa aproximação entre os dois psicanalistas, revela, em ambos, o entendimento de que a constituição do sujeito se dá por uma incompletude que retoma o fio diacrônico que se seguiu na obra lacaniana, em 1960, em “Subversão do sujeito e a dialética do desejo”, e que trouxe “isso fala” que também dialoga com o “Eu e o isso” (FREUD, 1923) mencionado acima. Também em 1960, em “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache”, Lacan define com mais precisão o conceito de estrutura. No relatório, o autor comenta que devemos submeter o pensamento a uma topologia, de que somente a estrutura necessita (LACAN, 1960).

Entretanto, é antes que a necessidade da associação entre a estrutura e a topologia é discutida, pois são os movimentos intelectuais anteriores que darão luz à proposta lacaniana. Lacan apresenta o conceito de *objeto a* quando começou, em 1957, com o modelo óptico, no Seminário I, sobre a tópica do imaginário (LACAN, 1953-54). Mas será em 1960, que o autor reconheceu

que o esquema óptico não passava de um modelo, uma vez que não elucidou a posição do que nomeou como *objeto a* (o modelo não descrevia a função que este objeto recebe do simbólico). Nesse relatório, o *objeto a* vem como representante do desejo, ainda não como *causa*. Marca-o como elemento na estrutura e expoente de uma função. Em “Subversão do sujeito e a dialética do desejo” (LACAN, 1960) já vai estar nomeado como *objeto causa do desejo*. No matema da fantasia é que marca a divisão do sujeito e o grafo substitui o espelho.⁴ E a topologia é, enfim, necessária para assentá-lo ao nó borromeano.

Deste modo, a trajetória de Lacan, passa pela dialética inaugural, pelo estruturalismo – linguística e antropologia - mas é com a topologia que consegue escrever o *objeto a* como possibilidade de articulação com a noção de relação, nos anos setenta até chegar ao famoso aforisma “a relação sexual não existe”, (LACAN,1974-75).

Em 1962, no Seminário “A Identificação”, desenvolve o Toro, fita de *Moebius* e o *Cross-cap*, figuras da topologia das quais serve-se para sua mostraçõ de elementos da Psicanálise, que ressurgirá em “L’Etourd” (LACAN,1973). A Banda de *Moebius* é uma superfície que, através de um corte e uma semi-torçõ, representa que o inconsciente está no avesso, marcando a relação do inconsciente com o discurso corrente (discurso do senso comum, por assim dizer).

4 Lacan irá progressivamente afinando sua formulação acerca dos três registros o Real, o Simbólico e o Imaginário – presentes desde cedo em suas proposições – de S.I.R. (1953) até R,S,I. (1974-1975) construirá sua réplica à noção de realidade psíquica em Freud, e, mais uma vez subversivo e inventivo, romperá com o *dentro-fora* implícitos na noção de realidade, para apresentar a tríade dos registros, de modo a trazer, topologicamente, o território mínimo, a partir do qual, com a noção de tempo lógico e de espacialidade, o falante se situará, para além do campo das discursividades, inclusive incluindo-as.

Em 1972, utiliza o nó borromeano, no qual cada um dos anéis refere-se aos registros do Real, Simbólico e o Imaginário - R.S.I. consistem em três anéis que não se encadeiam, se enodam e, de tal modo que, caso um deles se rompa, os outros dois também se liberam. O que permite uma nova escrita (LACAN, 1972-73). Onde o *objeto a* encontra-se em lugar central com o nó e na escrita deste, também se situam os gozos: gozo fálico, gozo do sentido e o gozo do *Outro* (LACAN, 1974-75). E assim, com o aforisma “a relação sexual não existe”, mostra-nos com qual relação nos deparamos: com a impossibilidade de escrevê-la – o que é justamente um paradoxo –, pois o objeto *a* é perdido antes mesmo de existir. Leva-nos a inventar um saber sobre o inconsciente.⁵

Não que seja impossível de conhecer, ou concluir, mas trata-se da impossibilidade do simbólico de reduzir o buraco do qual é autor. A noção de falta, assim, é considerada como *des-completando* o conjunto (diferente de falha, defeito, a ser “sudurado”). A Psicanálise sustenta que não há esperança de preencher a falta no saber, contrapondo à esperançosa ciência; sem abandoná-la, porém, subvertendo-a em seu estatuto positivista acerca da concepção do saber, no âmbito do psíquico; não se pode valer da lógica apriorística, do pensamento pré-determinista, nem sequer de “psicoprofilaxia”. Este é um importante debate, frente à ordem da imprevisibilidade do humano, tanto em sua singularidade, como em sua potência de resposta no laço e frente ao sofrimento. Desse modo, podemos considerar como problemática, subversiva e perturbadora a incidência da Psicanálise na cultura, a partir da modernidade. Seja no campo da saúde, da educação, das concepções filosóficas acerca de uma ontologia e, sobretudo, pelo que fez renovar as questões

5 Notável a retomada de Lacan desde os textos inaugurais de Freud, como, por exemplo, em O projeto de uma Psicologia para neurólogos- 1895, no qual há elementos presentes no construto para o conceito de objeto *a*. Um recolhimento destas articulações certamente são merecedoras de um cuidadoso desenvolvimento, não cabível para o presente ensaio.

acerca dos campos da Ética sobre o bem comum e da política em suas gestões, que levam em conta uma perspectiva que contribua para que almejamos ampliar nossos modestos passos civilizatórios, para além dos progressos que possamos alcançar.⁶

IV. As confluências do campo da Análise do Discurso com a Psicanálise

Nossa discussão até aqui está marcada por vetorizar uma perspectiva inter e até mesmo transdisciplinar, que, dentro das Ciências Humanas, ligou a Psicanálise à AD de modo oportuno. Em certo momento, as duas áreas caminharam juntas e, depois, despistaram-se em caminhos diferenciados, sem, no entanto, deixar em suas essências elementos de análise compatíveis, até certo ponto.

Nesta seção, discutiremos a noção de sujeito - ou melhor, de *falante, parlettre* - a partir de seu advento no pacto da linguagem e ao que o possibilita, em sua singularidade, situar-se ao laço social, especialmente no tocante a sua constituição psíquica, esta que porta, paradoxal e irredutivelmente, estrutura de ficção. Aspecto este que pode ser observado tanto na Psicanálise quanto na AD.

No poema de Antoine Tudal,⁷ encontramos a preposição “entre”, “... Entre o homem e a mulher há o amor ... Entre o homem e o

6 Este é um tema candente que advém deste ponto de conexão, do singular e do universal, que também não será desenvolvido neste texto (alusão à nota anterior), posto merecer um espaço maior, não obstante, sem deixar de ao menos mencioná-lo aqui se faz necessário, dentre as considerações do presente ensaio.

7 Entre os anos 1971-72, Lacan ministrou o seminário "O saber do psicanalista", inspirado nas ideias de Bataille sobre o não-saber. Neste seminário, Lacan analisa o poema de Antoine Tudal, abaixo inscrito:
Ao poema de Antoine Tudal citado por Lacan:

mundo há um muro”. Na fórmula do fantasma – S barrado punção a – escreve-se a não existência do sujeito, portanto, não ontológico, marcado paradoxalmente pela perda da coisa, de qualquer possibilidade de completude, fazendo fracassar a relação sexual, segundo o Seminário XI, (1964) A fratura aberta para o sujeito da Psicanálise, em sua perda de existência, não se situará no campo da filosofia, trará toda uma problemática, à qual encontrará território no campo das racionalidades, com a lógica e, mais especialmente, aquela que avançará a partir de Göedel, Teoremas da incompletude (GÖEDEL, 1931); e com Frege, em sua investigação lógico-matemática sobre o conceito de número (FREGE, 1970); com Pierce, a logicidade que fundamentará para o método da abdução e; finalmente, a formulação do lógico brasileiro Newton da Costa, com a formulação da lógica paraconsistente. Enfim, vertentes do pensamento da lógica e da matemática a partir de onde se avançará acerca da a noção de “sujeito barrado” - a tal ponto que a subverterá, e mesmo superando-a e adotando o *parlettre*, o falante, a partir de então - no campo das racionalidades e da ciência, em contraponto com a ciência positivista (em cujo apoio se dá na lógica Aristotélica).

Portanto, a constituição do conceito de sujeito, em Psicanálise e tal como Lacan propôs, é em “relação” com o *objeto a* causa do desejo.⁸ E é deste uso que Lacan fez da noção de estrutura que

“Entre o homem e a mulher
há o amor
Entre o homem e o amor
há um mundo
Entre o homem e o mundo
há um muro”

8 Conceito por ele cunhado e no qual podemos localizar como o âmago, emblematicamente, do caráter ficcional da estrutura da linguagem. Aí a resposta, ou o encaminhamento que Lacan encontrou para a problemática da condição de *relação*, tal como anunciado no início deste. O conceito de objeto a, forjado por ele, Lacan – ainda que não só como

delineia, de modo radical, a diferença entre conhecimento e saber, um apontando para a demanda e o outro para o desejo, rompendo com as alternativas clássicas: o reducionismo dogmático (muitas vezes presente no positivismo), o otimismo, o misticismo. E é nessa ruptura que podemos considerar também a participação da AD como um ponto de possível articulação e aproximação de rumos com a Psicanálise.

V. *Análise de Discurso e discurso em análise*

A AD analisa o discurso consciente, presente, que se faz circular no laço social, nos sistemas de relações. A Psicanálise des-constrói a investigação do que se encontra foracluído⁹ na linguagem, inerente à sua estrutura e o assujeitamento de cada um, o que discutimos até aqui como “sujeito do inconsciente”, ou, acompanhando Lacan mais tarde, o “*pârletre*”: o sujeito em seu exílio, ex-sistente. Daí, desta condição, paradoxal, o sujeito constitui-se como agente e assujeitado frente a seu desejo (desejo como a posição frente à falta, posição desejanter).

Ainda que consideremos essas diferenças entre os campos da Psicanálise e AD, com essa aparente incompatibilidade, podemos

único cumprimento - terá sido talvez um dos mais inventivos de seus legados, senão o mais original, pelo que condensa formidável formulação ao que, de mais delicado, sofisticado e subversivo se fez valer nos fundamentos em Psicanálise, o paradoxo da falta inaugural como constitutiva do psíquico, em sua potência desejanter, bem como em suas vicissitudes.

- 9 O termo foraclusão ou forclusão - em português, foi introduzido pela primeira vez por Lacan em seu seminário sobre as psicoses, em 4 de julho de 1956. Diferenciando-o do mecanismo do recalque como o que fica rejeitado, não integrado ao inconsciente e retornado no real (Lamberte, MTMR, Hassan, S, Lage, L.. 2002). Explorará essa noção em outros momentos de sua obra.

situar a AD num espaço de estudo que, dentro do campo estruturalista do século XX, contexto de onde emerge, se interessa pela fronteira deste mesmo campo.

Mas não conseguiríamos explicar a emergência da escola francesa evocando o sinal dos tempos. Ela definiu um procedimento cuja forma heurística transborda largamente o quadro metodológico e teórico do estruturalismo. Para dar a este empreendimento seu caráter de necessidade, para que houvesse interesse em outros corpus que não os de literatura, para que a linguística se tornasse outra coisa que não um saber ocasionalmente consultado pelo filólogo, foi preciso mais do que a pressão exercida pela conjuntura estruturalista. Foi preciso uma parte de sonho, o sentimento de imperiosa urgência conferindo por um projeto enraizado em um projeto intelectual bem preciso, no caso o do althusserianismo, que dominava então na França a cena filosófica e a reflexão nas ciências humanas. (MAINGUENEAU, 1990, p. 66-7)

Insistiremos nesse aspecto, pois este é o ponto em que Lacan investiu acerca da sua noção de sujeito, na investigação quanto ao sujeito do inconsciente e perseverou em sua formalização até superá-la renomeando-a - à luz da lógica e da topologia, para além do conceito de sujeito, como o *parlettre*, o *falante*... No matema da sexuação, por exemplo, o autor buscou na lógica o que assente a contradição, o terceiro incluído, o paradoxo, do “sujeito” que existe por sua ausência. Afasta a não contradição para que esses pares coexistam. O particular prevalece na Universal positiva e não uso da não contradição. É, como vemos, uma definição complexa que exige, de certo modo, um esforço de leitura para a compreensão.

De modo simpático à dificuldade dos leitores desse ponto teórico, o autor diz em *Encore* “... sigam meu caminhozinho...” (LACAN, 1972-73).

É com este conceito de *objeto a* cunhado por Lacan, que a Psicanálise, aqui reconhecida na referência ao eixo Freud-Lacan, opera, levando o psicanalista a se posicionar eticamente no tratamento da letra, afirmando que a estrutura é real (LACAN, 1972-73).

Vale ainda ressaltar – não poderíamos deixar de dizer sobre esse passo de Lacan para a topologia – o que aqui se dá como o ponto literalmente nodal, qual seja, as noções de corte e superfície. O que se esgota ainda, insuficiente para Lacan, mesmo com a lógica e o que daí se possa precisar, para além do binarismo, da lógica clássica que impõe as causas: formal, material; eficiente; final. E, assim, o aforisma “a relação sexual não existe” (LACAN, 1974-75) permite a articulação entre: saber, inconsciente e sexual; com a qual o humano estará fadado a confrontar-se em suas vicissitudes pulsionais frente ao vazio e à falta, impulsionando-o a inventar, a partir do desejo.

VI. Topologia. Corpo. Objeto: considerações finais

Nesta seção, o argumento se faz em mostrar como as lacunas deixadas pela linguagem, que interessam tanto ao analista do discurso, quanto ao psicanalista, foram fundamentadas pelo campo da Psicanálise - a partir de seu método clínico - uma vez que o discurso se dá por uma dimensão que porta uma singular materialidade, composta pelos três registros: Real, Simbólico e Imaginário, e que, de modo irreduzível, comportam a estrutura do falante em sua incompletude *em falta a ser* - com Lacan, em sua *ex-sistência*

– preço que se paga frente ao legado da *hominização*. É o espaço vazio, silencioso, lacunar que, de certo modo, discute-se. Para a clínica, assim como se faz notar na cultura, está aí um ponto crucial do sofrimento em nossa espécie, *sapiens sapiens*, em sua ferida narcísica, à qual cada um construirá um saber fazer com isso... (Mas este já nos levaria para um próximo tecido textual...).

Quando Lacan põe cada objeto das pulsões parciais como uma superfície topológica, a questão que o interroga é precisamente a do corte, inseparável da ideia de borda, superfície, que se aborda com o nó borromeano (CANCINA, 2013, p.10). Diferente da esfera, o toro implica a estrutura de corte de uma esfera, se há um “pedacinho” perdido que se recoloca, não podemos dizer que haja superfície, uma vez que não há função de corte, por conseguinte, não há borda. Nesse caso não se pode dizer ter havido transformação de superfície, que afinal é o corpo pulsional (LACAN, 1964).

Assim, é o Toro, o plano projetivo, o Cross-cap (o olhar) e a garrafa de Klein (a voz), onde há superfícies que vão dar conta dos objetos parciais, o olhar e a voz (que inclusive, são diferentes do seio e das fezes), porque houve intervenção, função de corte, tanto no sujeito como no Outro. No Seminário XI - Os quatro conceitos da Psicanálise, Lacan apresenta o esquema de *Euler* para mostrar a falta como corte na fenda entre o sujeito e o *Outro*, marcando a significação da falta (LACAN, 1964). O “*phi*” – falo no imaginário – é isso que o corpo perde para fazer-se imaginário. Nota-se, aí, a importância do conceito de narcisismo, cunhado por Freud (1905) e a função de fazer-se corpo para dar conta do vazio, paradoxalmente, inscrevê-lo e assim, constituir-se a partir da falta. Essa noção foi base da formulação do narcisismo e mesmo a torção do Toro do chamado narcisismo primário para o narcisismo secundário, foram assim reconhecidos pelos psicanalistas de orientação lacaniana (LACAN, 1964).

Os passos do Toro, Cross-cap para garrafa de Klein, implicam o surgimento de um corte muito particular, resultando a Banda de Moebius.¹⁰ Estamos diante de um passo lógico e do *topos*, justamente do humano no campo da linguagem e a *fenda epistêmo somática*, rompendo ou mesmo superando a dicotomia cartesiana (LAMBERTE, 2023). Essa que, se por um vetor, constituiu um campo de saber, da linguagem e sua relação com o pensamento, fundando a ciência, deixou também a “tarefa”, por outro, e nos “condenou” a sermos inventivos.¹¹ Essa ideia aproxima-se e mesmo reitera Lacan, em seu “Seminário Momento de Concluir”: “... *o Nó no pensamento faz matéria*” (LACAN, 1977-78). O grande advento da Psicanálise, segundo Lacan, é de nos liberar da debilidade mental - não referido como uma “nosologia do *pathós*”, mas em nos colar ao pensamento, de modo “alienado”, sem hiância e perguntas - à medida em que nos distanciamos minimamente do pensamento

10 Embora estejamos mencionando aspectos teóricos muito específicos ao uso que Lacan operou em sua articulação inventiva com a topologia, sustentamos em manter no corpo do texto, a fim de apontar a perspectiva que estava em jogo: não se trata de modelos rígidos, estanques ou “prontos” para aplicabilidade... Não! Mais radicalmente, a ousadia lacaniana visava a que, a cada vez, na experiência, o humano, articulando as variáveis *tempo e espaço*, constrói espacialidades, matéria, inclusive do modo inventivo. Aí a potência transformativa do fazer, articulado que está entre a pulsionalidade e a condição desejante (sua posição frente à falta).

11 Como brilhantemente comenta o arquiteto Paulo Mendes da Rocha em um documentário, respondendo à filha, sobre o que o levou à inventividade, ele responde... o fato de estarmos “...condenados e transformar o pensamento em matéria, condenados a sermos inventivos”. In: Tudo é Projeto” é um documentário sobre a vida e obra do arquiteto Paulo Mendes da Rocha, contada por ele em entrevistas para sua filha. O filme, de Joana Mendes da Rocha e Patricia Rubano sobre a vida e obra do arquiteto Paulo Mendes da Rocha, estreou em Portugal no passado, dia 22 de maio de 2017, na Casa das Artes (Porto). Exibido no canal CURTA/2022. Organizada pela CASA DA ARQUITECTURA com o apoio da Direção Regional de Cultura do Norte (DRCN) e da Direção Geral do Património Cultural (DGPC), a sessão contou com a presença do arquiteto brasileiro e da realizadora, Joana Mendes da Rocha.

a fim de que este se faça matéria, de modo articulado, se invente. Essa é mais uma réplica lacaniana *ao penso logo sou*.

O pensamento inventivo, originado pela indagação a partir da posição da ex-sistência (já mencionada acima, enquanto falta a ser) encontra-se, de acordo com Lacan (1977-78), na abdução do sentido. Nesse contexto, nos deparamos com o terreno socrático da ciência, permeado por uma abordagem verdadeiramente inventiva. E assim, dar passos, tanto na ordem da estrutura, em que consideramos, desde a direção da cura, até nosso movimento em um fazer, no laço social; em um dizer que faça ato! Dessa forma, avançamos, não apenas na dimensão da estrutura, ao contemplar, desde a perspectiva da orientação no vínculo humano, por meio de uma expressão que transcende o mero discurso e se transforme em uma ação efetiva!

Para além do falatório, do blá blá blá, que muitas vezes caracteriza a comunicação cotidiana, buscamos a essência de expressar algo verdadeiramente útil. Falar, falar, para tentar dizer alguma coisa. Um dizer que faça ato. Eis aí uma paráfrase, sob a inspiração das palavras do poeta Manoel de Barros – “*repetir, repetir, até tornar diferente*” - que nos instiga a repetir incansavelmente até alcançar uma transformação, e também guiados pelo entendimento lacaniano do amor (já anteriormente mencionado, a propósito da hiância, do “entre”, no poema de A. Tudal, nota 8), em “Encore”, onde “*amour*” se torna o sinal que delimita o gozo, preenche o vazio e toca o âmago do real (LACAN, 1972-73).

Para concluir, ainda que provisoriamente... Destaco a dimensão do amor que expande a potência transformativa dos atos e afetos, em resistência e faça limite ao gozo da violência e crueldade no laço social, almejando um mundo melhor!

Ad referendum

Quanto à influência do pensamento eurocêntrico na formalização das discussões culturais, é crucial reconhecer a ligação entre as transmissões de mentalidades e a gestão de poder no tecido social. Lacan, ao explorar diversas formas de inscrição, abraçou não apenas a perspectiva ocidental, mas também se aproximou do conhecimento asiático, das inscrições rupestres, e, por fim, da dimensão da escrita como letra. Isso vai muito além da simples atribuição de significado, alcançando a relevância profunda da língua em sua expressão do real, que carrega e transmite.

Em seu envolvente texto “Lituraterre” (1971), Lacan utiliza a metáfora do rio que sulca a areia, inscrevendo marcas, assim como a língua que delinea os contornos nos corpos, sejam eles carne, terra ou laços sociais. Vale mencionar seu conceito inovador, “Lalange”, traduzido por Haroldo de Campos como “alíngua” (1971), abrindo espaço para uma compreensão mais ampla e profunda da linguagem.

E aí já será a continuidade desta história. Ao leitor, o convite!

Referências

- AGAMBEN, G. *O que é ser contemporâneo e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.
- BERLINCK, M.T. A noção de subjetividade na Psicopatologia Fundamental. *Revista Latino Americana psicopatologia fundamental*, São Paulo, v. 13, n. 4, 2010.
- BADIOU, A. *Para uma nova teoria do sujeito: conferências brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1999.

- BENVENISTE, É. Da subjetividade na linguagem. In: *Problemas de Linguística Geral I*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, [1958] 1976.
- CABAS, A. G. *Curso e discurso da obra de Jacques Lacan*. Biblioteca Freudiana Brasileira. São Paulo: Moraes, 1982.
- COSTA, N. C. A. *Ensaio sobre os fundamentos da lógica*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2008.
- CANCINA, P. H. *Mostrar la fuerza : hacia una clínica borromea*. Buenos Aires: Letra Viva, 2013. p.10.
- FREUD, S. Afasia (1892); Projeto (1895); Carta 52 (1896); Eu e o isso (1923). In: _____. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- FREGE, G. *Lógica e filosofia da linguagem*. São Paulo: Cultrix, 1978.
- GARCIA, C (Org.). *Conferências De Alain Badiou No Brasil*. São Paulo: Autêntica, 1999.
- HEIJENOORT, J. v. *From Frege to Gödel: A Source Book in Mathematical Logic, 1879-1931 (Source Books in History of Sciences)*. Cambridge: Harvard University Press, 1971.
- JAPIASSU, H. *O Sonho Transdisciplinar e as Razões da Filosofia*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- LACAN, J. *Seminário XXV Momento de Concluir*. Publicação interna Centro de Estudos Psicanalíticos, Recife, 1977-78.
- _____. *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud (1954-54)*. J. Zahar Ed. Rio de Janeiro, Edições brasileiras 1979, 1983.
- _____. *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais de Psicanálise (1964)*. J. Zahar Ed. Rio de Janeiro, 1985.
- _____. *O mito individual do neurótico (1953)*. 2. ed. Lisboa: Assírio & Alvim 1987.
- _____. *Da psicose paranóia em suas relações com a personalidade (1932)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- _____. *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise (1969)*. Zahar E. Rio de Janeiro, 1992.

- _____. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud (1957). In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p.26.
- _____. Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: “Psicanálise e estrutura da Personalidade” (1960). In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 653-91.
- _____. Subversão do sujeito e a dialética do desejo (1960). In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p.807-842.
- _____. Ciência e verdade Lacan (1966). In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p.869-892.
- _____. *O Seminário, livro 22: RSI (1974-75)* Edição para circulação interna do Centro de Estudos Psicanalíticos Recife – CEP, 2000.
- _____. Discurso de Roma (1953). In: _____. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003 p. 139-171.
- _____. Lituraterre (1971) In: _____. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 15-25.
- _____. O aturdido (1974-75). In: _____. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003 p. 448-497.
- _____. *Seminário Relação de objeto* (1956-57). J. Zahar Ed. Rio de Janeiro 2003.
- _____. *Encore* (1972-73). Edição não comercial destinada exclusivamente aos membros da Escola. Rio de Janeiro: Escola Letra Freudiana, 2010.
- _____. *O Seminário, livro 9: Identificação* (1962). Edição para circulação interna do Centro de Estudos Psicanalíticos Recife – CEP, 2014.
- _____. *O Seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação* (1958-59). Rio de Janeiro: Zahar, 2016.
- LAMBERTE, M.T.M.R. *O narcisismo e a fenda epistêmossomática: questões contemporâneas*. Rio de Janeiro: texto apresentado em Jornada do Corpo Freudiano, 2023.
- LIBERA, A. *Arqueologia do Sujeito, Nascimento do sujeito*. São Paulo: Editora Unifesp, 2013.

- MAINGUENEAU, D. *Discurso e análise de discurso*. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2015.
- _____. *Análise de discurso: a questão dos fundamentos*. *Cadernos de estudos linguísticos*, Campina, SP, v. 19, p. 65-74, 1990.
- ORLANDI, E. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*, 5. ed. Campinas: Pontes, 2003.
- PECHEUX M. *Análise automática do Discurso*. 1969. Ed Da Unicamp. 1997.
- SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 18. ed. São Paulo: Cultrix, 1995 [1971]
- STRAUSS, C. L. *Antropologia estrutural* (1973). Ed. Ubu São Paulo. 1996.

